

# **Como lidar com o amor patológico**

## **Autores**

### **Eglacy Cristina Sophia**

Psicóloga clínica, mestre e doutora em Ciências pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Psicodramatista pela Federação Brasileira de Psicodrama (Febrap). Especialista em Psicodrama Clínico pela Escola Paulista de Psicodrama (EPP), em Tratamento da Dependência Química pela Associação Pró-Saúde Mental (Prosam) e em Psicologia Clínica em Instituição pela Universidade Paulista (Unip-SP). Foi coordenadora e supervisora do Setor de Amor e Ciúme Patológicos do Ambulatório Integrado dos Transtornos do Impulso (Pro-Amiti), do Instituto de Psiquiatria, do Hospital das Clínicas, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (2004-2014). É psicoterapeuta, supervisora em consultório e em instituições de 1998 até hoje.

### **Táki Athanássios Cordás**

Coordenador da Assistência Clínica do Instituto de Psiquiatria do HCFMUSP. Coordenador do Programa de Transtornos Alimentares (Ambulim) do IPQ-HCFMUSP. É professor do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Psiquiatria da USP, do Programa de Neurociências e Comportamento do Instituto de Psicologia da USP e do Programa de Fisiopatologia Experimental da FMUSP.

**Eglacy Cristina Sophia**  
**Táki Athanássios Cordás**

# **Como lidar com o amor patológico**

Guia prático para pacientes, familiares  
e profissionais de saúde



Copyright © 2018 Hogrefe CETEPP

Editora: Cristiana Negrão  
Capa e diagramação: Claudio Braghini Junior  
Preparação: Joana Figueiredo  
Revisão: Eugênia Pessotti

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C816c

Cordás, Táki Athanássios, 1957-

Como lidar com o amor patológico / Táki Athanássios Cordás, Eglacy Cristina Sophia.

1. ed. - São Paulo : Hogrefe, 2018.

: il.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85439-73-6

1. Psicologia. I. Sophia, Eglacy Cristina. II. Título.

18-50303

CDD: 155  
CDU: 159.92

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.  
Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Hogrefe CETEPP  
R. Comendador Norberto Jorge, 30  
Brooklin, São Paulo – SP, Brasil  
CEP: 04602-020  
Tel.: +55 11 5543-4592  
www.hogrefe.com.br

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópias e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito.

ISBN: 978-85-85439-73-6  
Impresso no Brasil

# Agradecimentos

É uma honra escrever para a série Guia Prático, cujos livros são escritos por especialistas de ponta em cada tema, que desenvolvem verdadeiras “pedras preciosas” e que ajudam diversas pessoas em todo país, desde aqueles que sofrem com algum problema, passando por seus familiares, e chegando até os profissionais de saúde interessados em aprimorar seus conhecimentos com o que há de mais atual e efetivo sobre avaliação e tratamento de problemas psíquicos. Lapidada a nossa “pedra preciosa”, *Como lidar com o amor patológico: Guia prático para pacientes, familiares e profissionais de saúde*, expressamos nossa sincera gratidão à Editora Hogrefe CETEPP, em especial à editora Cristiana Negrão, pelo incentivo, suporte e respeito constantes.

Também agradecemos aos nossos queridos clientes – avaliados, tratados e pesquisados – pela disponibilidade e confiança no nosso profissionalismo.



# Sumário

<b>Prefácio .....</b>	<b>9</b>
<b>Prólogo .....</b>	<b>11</b>
<b>Apresentação .....</b>	<b>15</b>
<b>1 O que é amor patológico?.....</b>	<b>19</b>
1.1 Relato de caso.....	19
1.2 Como (auto)avaliar o amor patológico?.....	20
1.3 Como são a personalidade e a maneira de amar das pessoas com amor patológico? .....	23
1.3.1 A personalidade .....	23
1.3.2 A maneira de amar.....	24
1.4 Qual é o limite entre o amor saudável e o amor patológico? .....	25
1.5 Amor patológico no mundo (virtual) de hoje.....	28
1.6 Amor patológico é uma “doença típica das mulheres”?.....	32
1.7 Será que pessoas com amor patológico amam demais?...	34
1.8 O vínculo amoroso das pessoas com amor patológico.....	34
1.9 Amor patológico envolve agressão a si próprio ou ao outro?.....	37
1.10 Amor patológico x ciúme patológico .....	38
1.11 Amor patológico x outras dificuldades .....	40
<b>2 Quais são as causas do amor patológico?.....</b>	<b>45</b>
2.1 Família e sociedade.....	45
2.2 Saúde mental.....	46
2.3 A química do amor .....	48

<b>3</b>	<b>Como ajudar as pessoas com amor patológico? .....</b>	<b>51</b>
3.1	O que não fazer .....	51
3.2	Como você pode se ajudar? .....	52
3.3	Como ajudar outra pessoa com amor patológico? .....	53
3.4	Como os pais podem agir para prevenir o amor patológico entre seus filhos?.....	54
3.5	Psicoterapia .....	55
3.6	Medicação .....	61
3.7	Programa dos 12 passos.....	61
3.8	Considerações finais .....	63
	<b>Anexo.....</b>	<b>65</b>
	Endereços úteis .....	65
	<b>Referências.....</b>	<b>75</b>



## Prefácio

O amor é o sentimento que nos joga na roda gigante da vida desde que somos tomados por ele pela primeira vez. Por ele, viajamos do céu ao inferno e do inferno ao céu em uma gangorra incessante e, por vezes, enlouquecedora, ao longo de toda a nossa existência, exceto em situações extremamente críticas quando perdemos nossa capacidade de senti-lo. É o sentimento que, de longe, mais motiva a procura por consultórios de psiquiatras e psicólogos. Paradoxalmente, as dificuldades associadas ao relacionamento amoroso ainda são pouco ou quase nada ensinadas nas faculdades. Assim, este Guia Prático de Eglacy e Táki é de extrema relevância para estudantes de psicologia e psiquiatria, para profissionais que atendem às pessoas com dificuldades no relacionamento amoroso, e para todos nós que nos envolvemos amorosamente com outro ser humano. Parafraseando Caetano Veloso sobre a dor: “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”.

Embora este livro seja sucinto, é objetivo e prático. Aborda um tema com o qual pouquíssimos de nós não se identificaria em algum nível. Sabemos bem o que é o amor. Seus mecanismos, porém, são ainda muito pouco conhecidos do ponto de vista científico. Nós nos baseamos, em grande parte, nas obras de arte e na filosofia para explorar como observadores suas nuances.

Assim, é indisfarçável minha admiração pelos autores que encararam a tarefa de resumir em algumas dezenas de páginas (e nos deixar com água na boca desejando mais!) o que é essencial para conhecer este transtorno que o amor pode produzir e que tanto sofrimento traz. E o fizeram muito bem, como vocês terão a oportunidade de ler, dividindo conosco de forma didática o que a ciência tem nos oferecido nos últimos anos. Sinto-me honrada por estar entre eles: com eles aprendi, a eles ensinei. Fico grata que tenham enfrentado esse “leão” e feliz pelos leitores que poderão usufruir de leitura tão informativa,

com conceitos claros, atualização científica e referências para aprofundamento. Por fim e mais importante, resalto a delicadeza dos autores ao lidar com o sofrimento humano, marca de seus respectivos trabalhos clínicos, que sempre reconheci e admirei. Espero que aproveitem este livro tanto quanto eu. Ótima leitura!

**Profa. Dra. Monica L. Zilberman**

Médica psiquiatra

Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da  
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

## Prólogo

A quem pertencem as desilusões amorosas, aos romances ou aos consultórios? Num senso mais amplo, a filosofia, a literatura (romance e poesia) e as artes, de uma maneira geral, lideram essa contenda. As obras que enaltecem ou amaldiçoam, mas que têm o amor como mote central da narrativa, ganham de lavada e datam de tempos ancestrais, começando por Adão e Eva, onde tudo começou, até a produção cultural contemporânea. Obras que abordem o tema como objeto de contemplação e análise desapaixonada (um paradoxo), ou quiçá sem envolvimento subjetivo do autor, são raras, e o livro agora em suas mãos, caro leitor, constitui uma honrosa exceção.

Cordás e Sophia são duas personalidades brilhantes, com quem tive o prazer de trabalhar e também a inestimável oportunidade de iniciar o Programa de Amor Patológico, por falta de um nome melhor, do Ambulatório Integrado dos Transtornos do Impulso, o Amiti, do Instituto de Psiquiatria da USP. Falar de amor, sem soar piegas, meloso, ou proselitista é tarefa desafiadora, mas diante da qual os autores não se intimidam. Enfim, eleger o amor como objeto de estudo é difícil, porém necessário. As primeiras tentativas nesse sentido vêm do campo das ciências sociais que, com seu olhar crítico, denunciam o amor romântico como um engodo, o benefício açucarado da falácia da liberdade de escolha e do individualismo apregoado pelo novo modelo capitalista e pela sociedade de consumo. De fato, o mito da alma gêmea, dos amantes predestinados em busca de si mesmos, não passa pelo teste da realidade. A verdade é que muitas sociedades continuam promovendo o casamento “arranjado”, sem que se saiba delas que a instituição do matrimônio por lá esteja em crise, ou que os nubentes lá sejam menos felizes do que em sociedades onde a escolha do parceiro seja prerrogativa do indivíduo.

Todavia, a psicologia e, mais recentemente, a biologia apontam para um processo muito complexo e dependente de variáveis individuais no processo de formação de um casal, que certamente sofre influência de fatores externos, mas que de forma alguma é escravo do contexto social: é a nova ciência do acasalamento seletivo, do inglês *assortative mating*. Como apontam os autores no livro, esse processo sofre clara influência das primeiras interações parentais que servem como molde dos futuros relacionamentos e, principalmente, mas não exclusivamente, dos relacionamentos romântico-sexuais.

A ciência da formação de casal sugere que as pessoas tendem a procurar parceiros nos quais identifiquem semelhanças físicas e de personalidade. No entanto, do ponto de vista genético parece haver preferência pelo parceiro que exiba maior disparidade, um achado surpreendente sugerido pela comparação do HLA (uma espécie de impressão digital genética, única e específica de cada indivíduo) entre membros de um casal. Não somente isso, estudos do começo do século XXI apontam que existe circuito ou circuitos neurais baseados em neurotransmissores próprios (os famosos neuropeptídeos transmissores: ocitocina e vasopressina) que determinam a preferência por parceiro específico em diferentes espécies de vertebrados, notadamente algumas aves, roedores e primatas (nós mesmos incluídos aqui), uma verdadeira neurobiologia da fidelidade.

Ora, se existe um sistema tão complexo para determinação da formação de casal, duas conclusões se firmam forçosamente: primeiro, a formação de um casal estável deve conferir vantagens inerentes aos parceiros: segundo, um sistema dependente de tantas variáveis é muito suscetível a diferentes vieses, e é pelos meandros desses desvios que este livro se propõe a guiá-lo, em uma condução gentil de prosa simpática pautada no pragmatismo clínico. Respondendo à pergunta com que abri esse prelúdio, sob a luz das evidências mais recentes, as desilusões amorosas têm tanto direito de se postar em um consultório

psicológico ou psiquiátrico quanto de inspirar, como já o fazem, as mais belas obras de arte. Eu apenas quero encerrar este texto, que já se alonga, com um pedido ao clínico(a) que recebe esses pacientes em seu consultório: que não se precipite no que podemos chamar de “redução ao problema de solução conhecida”, que diante do desafio de amparar e tratar essas pessoas não recorra ao artifício de buscar por aquilo que já conhece, sinais e sintomas de ansiedade e depressão. Porque é claro que o(a) paciente terá sintomas, ou mesmo atingirá o limiar diagnóstico para um transtorno ansioso ou depressivo. A pergunta é: Isso poderia ser consequência e não causa de sucessivas desilusões amorosas? Uma resposta afirmativa é muito provável, especialmente se estivermos lidando com um adulto jovem a quem a formação de casal se apresenta como verdadeiro enigma da esfinge: decifra-me ou devoro-te.

Mais uma vez, quero explicitar minhas congratulações aos autores por esta obra oportuna, e felicitar o leitor pela agradável leitura que está para iniciar.

**Prof. Dr. Hermano Tavares**

Médico psiquiatra

Professor livre-docente do Departamento de Psiquiatria  
da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

## Referências

- Bleske-Rechek A., Remiker M. W., & Baker J. P. (2009). Similar from the start: Assortment in young adult dating couples and its link to relationship stability over time. *Individual Differences Research*, 7(3), 142-158.
- G´enin, E., Ober, C., Weitkamp L., & Thomson, G. (2000). A robust test for assortative mating. *European Journal of Human Genetics*, 8, 119-124.
- Lim, M. M., & Young, L. J. (2004). Vasopressin-dependent neural circuits underlying pair bond formation in the monogamous prairie vole. *Neuroscience*, 125(1), 35-45.

# Apresentação

O amor é um dos temas mais citados pela arte, pela literatura e pela música. Um assunto amplamente divulgado pela mídia, comentado pelas novelas e cujas patologias (e seus tratamentos) interessam às pessoas em geral e também aos profissionais de saúde em específico.

A palavra amor, derivada do latim *amore*, pode ser entendida de maneiras diferentes: amor ao próximo, amor filial, amor a uma causa, além do amor romântico (afetivo e carnal). Neste livro, abordaremos o amor romântico, procurando diferenciar o que é saudável do que é patológico em um relacionamento amoroso. Esta distinção, realizada há séculos pela filosofia, ainda é pouco estudada em nosso país.

Desde 427 a.C.–347 a.C., o formidável filósofo Platão já havia diferenciado o “amor autêntico”, que liberta as pessoas do sofrimento, do “amor possessivo”, que move as pessoas a perseguirem seus parceiros como se fossem objetos a adquirir.

Em 1798, outro importante filósofo, Kant, explicou um fenômeno comum em sua época: a insanidade de pessoas que se apaixonavam por outras de uma classe social mais alta e acreditavam que seriam pedidas em casamento. Para Kant, essa insanidade (ilusão de casamento) é consequência, e não causa, de uma doença anterior (Borges, 2000).

O filme *Camille Claudel*, por exemplo, retrata muito bem esse fenômeno da época. Narra a história de Camille, a talentosa escultora e amante do famoso escultor francês Auguste Rodin, que cuidava obsessivamente das obras e do ateliê dele, com intuito de ter um relacionamento estável com ele, apesar de Rodin ser casado com outra desde que eles se conheceram.

Outro caso de amor patológico mais recente foi retratado pela personagem Heloísa da novela *Mulheres apaixonadas*, transmitida pela

Rede Globo em 2003, e que introduziu a discussão sobre amor patológico em mulheres na televisão brasileira.

Nesse período, em 2004, iniciamos os estudos sobre amor patológico. Esse interesse foi resultado de nossas atuações profissionais com dependências (drogas, álcool, comida, sexo e jogo, entre outras), em consultório e em instituições especializadas. Durante essa trajetória profissional, a irmã de um paciente em tratamento no Instituto de Psiquiatria expôs, muito angustiada, aos profissionais de saúde seu problema: “há mais de dez anos sou dependente do meu ex-marido; sei que ele não foi bom para mim, que tem outra mulher e filho com ela, mas não consigo me libertar. Todo mês, na data em que ele paga a pensão da minha filha, planejo alguma aproximação, quero saber da vida dele e ainda penso em uma maneira de ele voltar para mim. Sinto-me presa!”.

A partir desse “pedido de ajuda”, criamos o primeiro ambulatório especializado em amor patológico do país: o Setor de Amor e Ciúme Patológicos do Ambulatório Integrado dos Transtornos do Impulso (Pro-Amiti). A partir dessa iniciativa, passamos a pesquisar, avaliar e tratar gratuitamente essa dificuldade.

Desde então, observamos que a procura por tratamento para amor patológico é grande, e que ele gera intenso sofrimento nas pessoas que buscam ajuda. Apesar disso, até o momento ainda não existia no Brasil um livro exclusivamente sobre esse tema, apenas dois capítulos de livro também escritos por nós.

Portanto, para suprir essa necessidade, escrevemos, com toda nossa atenção e cuidado, *Como lidar com o amor patológico: Guia prático para pacientes, familiares e profissionais de saúde*.

Esperamos que a leitura deste livro ajude a guiar o caminho das pessoas que sofrem desse problema, bem como auxilie seus parceiros e familiares a lidar com essa problemática. Ou seja, que contribua para



que todos passem a se ajudar mais e a sofrer menos com as consequências do amor patológico.

Esperamos, ainda, colaborar para a ampliação do aprendizado – teórico e prático – dos profissionais de saúde que atuam (ou que desejam atuar) com avaliação e/ou com tratamento do amor patológico em nosso país.

Desejamos a todos uma ótima leitura!



# 1 O que é amor patológico?

## 1.1 Relato de caso

Decidimos começar este livro mostrando claramente como se sente e se comporta uma pessoa real com amor patológico, por acreditar que você entenderá o “espírito da coisa”, de forma mais consistente do que se recebesse muitas teorias ou mil palavras. Vamos, então, ao nosso caso:

RS é professora, 42 anos, dá aulas há 15 anos em uma grande escola da cidade de São Paulo. Segundo ela, seus pais se separaram quando ela tinha 8 anos, porque seu pai abusava de álcool e ficava constantemente fora de casa. Conta que sua mãe fez de tudo para “trazer o pai para casa”, inclusive muitas vezes lhe pedia que o buscasse no bar. Algumas vezes ele voltava para casa, mas logo depois “preferia ficar longe de casa de novo”.

Na adolescência, ela foi tratada de uma depressão em um ambulatório no interior de São Paulo, época em que sua mãe se separou do pai e, em seguida, se casou novamente. Nesse período, ela foi morar com os avós maternos. A partir dos 15 anos, RS teve uma série de relacionamentos amorosos conturbados, sempre com parceiros que ela descreve como distantes e agressivos.

Há pouco mais de dois anos, ela iniciou um relacionamento com um artista plástico que, segundo ela, faz uso de cocaína, a agride verbal e fisicamente “por ciúme infundado” e também não permite que ela saia com amigos e familiares. Por medo de perder o namorado e na tentativa de agradá-lo, ela se submete e faz suas vontades, abrindo mão de suas atividades e de pessoas importantes para sua vida.

RS menciona que se sente abandonada, triste e muitas vezes com raiva nesse relacionamento, mas não consegue deixar de cuidar dos interesses do namorado, nem terminar o relacionamento. Sentindo-se “presa” ao namorado, no último mês, tentou romper com o relacionamento três vezes, mas percebeu que, após alguns minutos de tomar essa decisão, passa a se sentir “desesperada e sem chão” e, então, é obrigada a ligar para ele e retomar com o relacionamento.

## 1.2 Como (auto)avaliar o amor patológico?

Com base nesses e nos inúmeros casos de pacientes e nas ideias de autores como Simon (1982) e Norwood (1985), identificamos que existem seis características semelhantes entre o comportamento das pessoas com amor patológico e o dos dependentes de álcool e outras drogas (Sophia, Tavares, & Zilberman, 2007).

Para facilitar o seu entendimento sobre como (auto)avaliar o amor patológico, a Tabela 1 apresenta a definição de cada uma das características das pessoas com amor patológico e um exemplo de caso real correspondente àquela característica específica. Para a (auto)avaliação, você deve questionar, em separado e cuidadosamente, cada uma das seis características.

Além disso, para reforçar, sugerimos que tente se colocar no lugar das pessoas citadas em cada um dos exemplos, e questione, cuidadosa e verdadeiramente: se você (ou quem você está avaliando) estivesse na mesma situação, se comportaria da mesma forma? Caso responda sim para todas ou quase todas as características listadas, provavelmente está passando por grande sofrimento e precisando de ajuda. Neste caso, orientamos consultar a seção 3.2, pois lá indicamos como proceder para se ajudar e quais são os passos em direção à melhora.